

# O CONFLITO DO CANUDINHO DE LAGES (1897)

*Paulo Pinheiro MACHADO<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo analisa a formação e a destruição do povoado de Entre-Rios, construído no planalto catarinense em 1897, denominado pela imprensa como Canudinho de Lages. Investiga-se, neste episódio, indícios do culto ao monge João Maria entre a população sertaneja e a presença de lideranças federalistas entre os habitantes da cidadela, o que ajuda a entender a participação destes políticos no movimento do Contestado (1912-1916). A rápida repressão ao movimento revela sua inserção num macro-território político do sul do país e do Prata, onde redes, alianças e relações freqüentemente extraplovavam os limites do Estado Nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Canudinho de Lages. João Maria. Guerra do Contestado.

Entre-Rios, 29 de Agosto de 1897, as 11 horas da manhã: Depois de dois dias de marcha a pé com chuvas constantes, por brenhas cerradas, caímos esta madrugada sobre principal reduto da numerosa jagunçada. Três horas de fogo. Fomos, à unha, escalando as trincheiras. Morreram alguns, inclusive famigerado maragato Abílio Rosa, temido nos arredores, o qual transformou ajuntamento fanático em acampamento bélico e hostil aos governos republicanos. Muitos feridos. Neste momento, enquanto revisto campo de combate, Capitão Fabrício persegue fugitivos através das furnas sucessivas nas barrancas do caudaloso rio Pelotas. Encontrei cruces, breviários, bandeiras e outros manipansos das suas bruxarias com 43 ranchos, além de outras casas. Tudo isto ardeu no incêndio por ocasião do ataque. Mulheres e crianças, em quantidade, fugiram espavoridos pela mata. Divisas dos bandidos são de cor branca e encarnada. Seu grito de guerra é: “Morreram os Pica-Paus!” Nosso brado é: “Viva a República!”<sup>2</sup>

<sup>1</sup> UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de História. Florianópolis – SC – Brasil. 88.040-970 – pmachado@mbox1.ufsc.br

<sup>2</sup> Telegrama do Coronel Bento Porto ao Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Júlio Prates de Castilhos. *A Ordem* (órgão do Partido Republicano) n.º 204, Jaguarão, 15/09/1897, p. 1. Museu de

Este telegrama do Coronel Bento Porto ao Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos, transcreve a atuação da força policial deste Estado no segundo e derradeiro ataque ao povoado de Entre-Rios. O povoado foi chamado pela imprensa da época de “Canudinho de Lages” em referência ao conflito de Canudos, na Bahia, que se encontrava, neste momento, em pleno desenvolvimento. José Bento Porto era natural e morador de Vacaria, Rio Grande do Sul, Coronel da Guarda Nacional, subchefe de polícia da região Planalto, comandou um Regimento Provisório da Brigada Militar do Rio Grande do Sul composto por 100 cavalariaos que liquidaram a cidadela de Entre-Rios. Este oficial era um veterano da guerra entre *pica-paus* e *maragatos*, mais conhecida como Revolução Federalista, ocorrida entre 1893 e 1895<sup>3</sup>.

Bento Porto já conhecia a região de Entre-Rios e o planalto Catarinense. Durante a Revolução Federalista atuou junto à Divisão do Norte, força oficial que perseguiu a coluna *maragata* de Gumerindo Saraiva. Numa segunda incursão ao planalto, Bento Porto chefiou regimento que deu combate às forças de Juca Tigre, na estrada entre Palmas e Guarapuava, interior do Paraná. O Capitão Fabrício citado no telegrama é Manoel Fabrício Vieira, também *pica-pau* e antigo combatente da campanha contra os federalistas. No início do século XX, Fabrício Vieira radicou-se no vale do rio Iguaçu, onde passou a defender a jurisdição paranaense sobre o território contestado por Santa Catarina. Na Guerra do Contestado (1912-1916) colocou numerosa força de *vaqueanos* civis no combate aos sertanejos chamados de “fanáticos”. Em 1923 Fabrício Vieira, mesmo morando há muitos anos na fazenda Chapéu do Sol, no vale do Iguaçu, levou seus *vaqueanos* a lutar no Rio Grande do Sul ao lado dos maragatos e republicanos dissidentes de Assis Brasil contra o Presidente Borges de Medeiros.

Biografias como a de Fabrício e Bento Porto não eram raras no planalto. Havia uma espécie de macro-território de atuação política encadeada que compreendia uma longa faixa de terra do Uruguai até a região de Sorocaba. Eram sendas do comércio das tropas e regiões de manutenção de extensos laços de parentesco e compadrio e, ao mesmo tempo, território de peregrinação de João Maria (MACHADO, 2004).

O movimento sertanejo conhecido como “Canudinho de Lages” ocorreu a partir do pequeno povoado formado rapidamente em torno do engenho de cana de Francelino Subtil de Oliveira, na localidade de Entre-Rios (entre os rios Pelotas

---

Comunicação Social Hypólito José da Costa, Porto Alegre (MCSHJC).

<sup>3</sup> Maragatos são os federalistas ou membros do Partido Republicano Federalista liderado por Gaspar da Silveira Martins, no Rio Grande do Sul e por Eliseu Guilherme da Silva e Abdon Batista, em Santa Catarina. Os pica-paus, ou chimangos, são membros do Partido Republicano Rio-Grandense, liderado por Júlio de Castilhos. Em Santa Catarina, ao contrário dos rio-grandenses, os maragatos usavam a cor branca, o Partido Republicano Catarinense (pica-pau) era liderado por Lauro Müller e Hercílio Luz.

e Canoas, afluentes formadores do rio Uruguai) no então Distrito de Campo Belo (antiga Nossa Senhora do Patrocínio dos Baguais), Município de Lages, em 1897. Entre-Rios, onde hoje se situa o Município de Celso Ramos, era denominado, no fim do século XIX como “fundos de Campo Belo” ou “fundos dos Baguais”.

Os vales dos rios Pelotas e Canoas são regiões com vegetação natural de matas tropicais ciliares entremeadas de matas de araucárias, faxinais e campos<sup>4</sup>. Foram ocupados por estâncias de criação de gado no final do século XVIII e início do XIX. A região foi colonizada como parte da rota permanente de tropas de muares que, anualmente, saiam do Prata e do Rio Grande do Sul em direção à Feira de Sorocaba, em São Paulo. Desde cedo, portanto, a população lageana manteve fortes laços comerciais, sociais e culturais ao sul e ao norte. Particularmente a região de Entre-Rios é uma longa saliência onde, por quase quinze quilômetros, o Pelotas e o Canoas correm quase paralelos. A barranca em direção ao rio Pelotas é excessivamente escarpada e íngreme, o que torna as margens catarinenses do Pelotas mais fáceis de serem acessadas do outro lado do rio, no vizinho Estado do Rio Grande do Sul.

É importante registrar que a divisa entre os dois Estados era local freqüentemente utilizado por asilados políticos para abrigo e proteção, tornando sempre presente a possibilidade de invasão rio-grandense para atacar *maragatos* que agiam a partir de Santa Catarina. Em Janeiro de 1893, antes de a guerra federalista estourar no Rio Grande do Sul, o jornal “Gazeta de Lages”, dirigido pelo republicano Manoel Thiago de Castro, alertava sobre esta questão:

Movimentos: A população desta região serrana tem vivido sobressaltada com os movimentos bélicos que se tem operado no vizinho município de Vacaria, no Rio Grande do Sul, sem atingir a causa deles ou por outra, supondo uma próxima invasão ao nosso território, para dele tirarem, a viva força os poucos imigrantes políticos que fugiram das lutas sangrentas daquele Estado.<sup>5</sup>

Thiago de Castro afirma, ainda, que o Tenente Machado, governador federalista de Santa Catarina, estava abrigando *maragatos* gaúchos em Campos Novos e Campo Belo, inclusive nomeando-os para cargos públicos, o que provocava a ira de Júlio de Castilhos.

Há indícios que apontam que a aproximação do federalismo à religiosidade popular no planalto ocorreu durante a própria Revolução Federalista. Frei Rogério Neuhaus, franciscano alemão que atuava em Lages desde 1891, afirma que João Maria passou a condenar a República e a divulgar um discurso apocalíptico com

<sup>4</sup> Faxinais são também chamados de campos “sujos”. São pastagens com muitas árvores.

<sup>5</sup> *Gazeta de Lages*, Lages, 09 jan. 1893, grifo do autor.

grande receptividade entre os sertanejos. Com frequência a população identificava os federalistas com a monarquia (já que muitos eram antigos políticos do Partido Liberal). Quem relata uma aproximação de João Maria com os federalistas é o médico baiano Ângelo Dourado, que acompanhou a coluna de Gumercindo Saraiva. Dourado afirma que, na região dos campos de Palmas, João Maria acompanhou alguns combates, ajudou a tratar rebeldes feridos, mas dizia que não era federalista, porém era “a favor da justiça e dos que sofrem” (DOURADO, 1977, p.196).

A população do planalto via a atividade dos diferentes andarilhos que assumiram a identidade de João Maria como algo santificado. João Maria declarava ser um penitente, não pousava nas casas das pessoas, não comia carne, alimentava-se apenas de verduras e leite. Aconselhava a todos uma vida simples, de respeito às pessoas, animais e plantas. Relatos orais transmitem estes ensinamentos até hoje quando contam que João Maria declarava que “[...] pedra é quase planta, planta é quase bicho e bicho é quase gente” e que “quem não sabe ler a natureza é analfabeto de Deus.”. Por sua indicação muitas vertentes de água foram indicadas para uso; com o tempo estes pontos se transformaram em “águas santas” (ESPIG, 2004). Seu campo de atuação era extenso, há devotos de João Maria desde o centro do Rio Grande do Sul até a região de Sorocaba, em São Paulo (FELIPE, 1995; CABRAL, 1979).

O monge também era conhecido por determinadas propriedades extra naturais como a capacidade de caminhar sobre as águas, de adivinhar o pensamento das pessoas e de multiplicar alimentos. João Maria recomendava a todos que plantassem cruzeiros em frente das suas casas. As pessoas que assim procedessem estariam protegidas no momento que aconteceria do sol não nascer no período de três dias. João Maria profetizava que o mundo passaria por transformações catastróficas, sendo a República seu primeiro sinal (STULZER, 1982).

Consta que no início do ano de 1897 um indivíduo autodenominado São Miguel ou Dom Miguelito apresentou-se em Entre-Rios como parente do monge João Maria, sendo recebido por um morador do local, Francelino Subtil de Oliveira, o já citado proprietário do engenho de cana. Logo se formou um ajuntamento de sertanejos, principalmente de doentes, penitentes e indivíduos desgarrados como antigos combatentes da campanha federalista que há poucos anos havia incendiado os campos da região. A imprensa de Lages afirma que a localidade de Entre-Rios já era relativamente bem povoada e que muitos moradores do local passaram a viver próximos ao engenho em ranchos construídos precariamente, abandonando seus sítios e pequenas criações.

Como Dom Miguelito aproveitou-se da popularidade de João Maria, chamado de São João Maria por quase toda a população planaltina e, pouco tempo após sua chegada, o povoado tinha perto de 300 habitantes, morando em cerca de setenta

casas. Famílias ingressavam com todos os seus membros adultos, mulheres, crianças e velhos. Entretanto muito pouco sabemos sobre as crenças e rituais, os “manipansos e bruxarias” praticadas pelos moradores de Entre-Rios. Todos os registros disponíveis sobre as práticas sociais e religiosas dos sertanejos foram feitos por seus adversários. Consta que neste pequeno povoado praticavam rezas e confessavam-se a Dom Miguelito e Francelino. Como penitência, as pessoas deveriam rezar várias vezes ao dia e carregar pedras nas cabeças<sup>6</sup> (PELLUSO JUNIOR, 1985). A formação rochosa existente em frente ao engenho de Francelino, que lembra feições humanas, foi considerada uma “santa encantada” que deveria ser “libertada” da pedra. Uma descrição mais detalhada de quem viveu no povoado de Entre-Rios é fornecida por João Subtil de Oliveira, também chamado João Buava, que era tio e sogro de Francelino:

[...] sua população é relativamente densa e notadamente por famílias que nunca vieram a nossa cidade, [Lages] nem mesmo a sede de seu Distrito de Campo Belo. É aí, ainda nos matos na base da serra, a margem do Pelotas que se formou nosso Canudinho, cuja classificação, aliás, condiz com a natureza do terreno e com o espírito dos novos jagunços. Há nesse lugar um engenho de cana do Sr. Rosa. Nele aboletou-se a *troupe* do politiqueiro São Miguelito a título de residência nobre, construindo os outros grandes número de cabanas em torno desse núcleo principal que serve de residência ao chefe Francelino Subtil de Oliveira, e igreja provisória onde cantam-se diariamente ladainhas inesgotáveis. Um pequeno rocio próprio do engenho serve de praça ao poviléio; de resto, matos e capoeiras ao correr das águas, rio e retaguarda, em frente uma única estrada, íngreme e apertada, a direita e a distância um paredão de pedra a prumo, inacessível, onde a saliência das rochas formando ao fundo sombras indecisas dá uns traços aéreos de uma figura humana. [João Subtil] declarou que há de fato um piquete jagunço, de ordem de seu genro, que arrebanhava mulas mansas e alguns bois de nosso amigo João Antônio Varella, que os homens ali reunidos usam fita branca no chapéu como insígnia; [...] que conhece todas as pessoas ali reunidas, exceto três homens, que um é conhecido pelo nome de Castelhana e este é o chefe dos piquetes arrebanhadores;” ...”que foi aconselhar o genro a se retirar dali, mas que este dissera não ser isto possível por enquanto; que há muito gênero alimentício no acampamento porque os fanáticos para ali conduziram o que tinham deixando completamente abandonadas suas casas e paióis, que o armamento compõe-se de armas vulgares.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Entrevista com Antônio Cassul Fernandes concedida em julho de 2003.

<sup>7</sup> *Região Serrana*, Lages, 15 ago. 1897.

Neste caso, o redator do *Região Serrana*, Manoel Thiago de Castro, era membro do Diretório do Partido Republicano Catarinense (pica-pau) de Lages, sua visão do processo do povoado sempre é partidarizada, procurando realçar a presença de federalistas no povoado. É difícil precisar quando se iniciou o povoado de Entre-Rios. As autoridades locais afirmam pela imprensa que era de formação recente, dos últimos meses de maio a junho de 1897. Entretanto, Antônio Cassul Fernandes informa que seu avô afirmava que o Canudinho começou a formar-se em 1889<sup>8</sup>. O parente de Francelino, além de descrever com detalhes a localização estratégica do povoado, afirmando que conhecia quase todos, chama a atenção para duas questões importantes: a existência de um indivíduo chamado de Castelhana, e a fita branca atada aos chapéus como insígnia. Foi extremamente atuante no município de Lages, durante a Guerra do Contestado o chefe federalista local, comandante Castelhana, que declarava ser Agustin Perez Saraiva, filho de Gumercindo Saraiva (QUEIROZ, 1966). Não sabemos se é de fato o mesmo Castelhana citado por João Subtil. A fita branca era um símbolo dos federalistas catarinenses. É provável que não seja uma coincidência, uma vez que nesta região havia muitos veteranos da passada campanha federalista, que sabiam muito bem o significado desta cor (BLASI, 1994). Uma questão relevante não esclarecida é porque os sertanejos são acusados de arrebanhar gado da vizinhança se o depoente reconhece que havia abundância de alimentos levados pelos caboclos que haviam abandonado “suas casas e paióis”. João Antônio Varella, citado na reportagem, é um grande proprietário e pecuarista da região, criador da futura colônia de Anita Garibaldi.

Parece haver uma disposição urbanística do povoado. Há uma praça que serve para “reunir o povilêu”. A casa do comandante Francelino Subtil situava-se no centro, onde havia uma igreja. Os redutos chamados de “Quadros Santos”, a partir do segundo Taquaruçu, em dezembro de 1913 seguiam esta disposição espacial. A propriedade do engenho de cana é objeto de confusão na imprensa. Em alguns registros a propriedade é atribuída ao comerciante Francelino Subtil de Oliveira, porém, na reportagem acima é um senhor Rosa apontado como dono do estabelecimento.

Para a imprensa lageana, o ajuntamento sertanejo só poderia ser o produto de espertalhões que exploravam a fé ingênua dos matutos ignorantes. Frente a isto deveria haver a pronta e enérgica ação das autoridades. Afirma o jornal *Região Serrana*, em 8 de agosto de 1897:

Estamos atravessando uma quadra excepcional a respeito do FANATISMO RELIGIOSO. Qualquer indivíduo de cabelos e barbas longas e um tanto encanecidas embrenha-se pelos sertões, explora a ignorância dos pobres matutos e,

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida em julho de 2003.

eis que em pouco tempo, tem ao seu lado um exército, disposto a lutar até a morte em defesa de tal indivíduo, uma vez que apregoe-se enviado ou representante de Jesus Cristo, como meio mais fácil de iludir essas infelizes criaturas! Reclamamos do poder competente urgentes providências para que os fundos de Campo Belo não se transforme em um novo CANUDOS, pois já ninguém ignora que o célebre CONSELHEIRO da Bahia começou como Miguelito e, entretanto, por causa da inércia dos governos assistimos hoje”...”uma das mais cruentas lutas em que têm perecido os mais devotados soldados da República!<sup>9</sup>

É emblemática a comparação feita a Canudos. Temos que considerar que neste momento existe quase uma histeria nacional causada pelo fracasso da terceira expedição militar contra a “Cidade Santa” de Antônio Conselheiro (GALVÃO, 1977). Entretanto, era impensável aos que militavam na imprensa que os sertanejos pudessem possuir suas razões próprias para seguir “qualquer indivíduo de barbas longas e encanecidas”. A pergunta que precisa ser feita é por que estes homens e mulheres dirigiram-se a Entre-Rios e dispuseram-se a lutar na defesa de seu povoado. O fato de Miguelito apresentar-se como irmão de João Maria certamente seria uma boa credencial para receber a atenção da população sertaneja. A sua recepção por parte de Francelino Subtil de Oliveira, comerciante local e membro de extensa parentela na região também ajudara no estabelecimento do povoado. Entretanto, muito ainda deve ser investigado para explicar este forte vínculo da população de Entre-Rios com suas lideranças.

O peso e os problemas causados pelo recrutamento militar forçado, já ocorridos na guerra federalista de 1893 a 1895, continuavam a penalizar as populações do planalto rio-grandense. O jornal *A República* (da dissidência federalista de Porto Alegre) acusa a Brigada Militar, sob comando do governo de Júlio de Castilhos, de promover recrutamento forçado de “provisórios” no Planalto, região de São Francisco de Paula, sendo que mais de 30 homens foram executados por suposta deserção. Neste período, a Brigada ampliou seu efetivo argumentando que o deslocamento de muitas unidades do exército para o combate aos conselheiristas na Bahia obrigava a força Estadual guarnecer fronteira com o Uruguai.

É importante registrar que esta região ainda não havia se reabilitado completamente do conflito federalista (CHASTEEN, 1995; COSTA, 1982). Dolorosas seqüelas da luta entre *pica-paus* e *maragatos* ainda latejavam sobre a difícil vida dos lavradores, peões e tropeiros da região. Os deslocamentos de tropas durante a Revolução Federalista, tanto rebeldes como oficiais, eram sustentados com a dilapidação dos recursos da população local: seus alimentos, cavalos, reses e mulas

---

<sup>9</sup> *Região Serrana*, Lages, 8 ago. 1897, grifo do autor.



eram arrebanhados em troca de “requisições” que jamais seriam saldadas. Os jovens sertanejos eram recrutados compulsoriamente para completar os piquetes de combate, suas esposas e filhas tinham que ser escondidas no mato para se evitar o abuso dos combatentes. Mesmo depois de assinado o armistício oficial, vigorava a instabilidade e as dificuldades para a implementação de uma desmobilização completa:

Como conseqüência da paz assinada pelos Generais João Nunes da Silva Tavares e Inocêncio Galvão Queiroz, em 23 de agosto de 1895, em Pelotas, iniciou-se um processo de desarmamento das forças rebeldes e republicanas. [Este processo] determinava ficarem sem ocupação perigosos elementos que, à mingua de trabalho imediato ou pelo hábito das correrias, da vida nômade de plena liberdade em que estiveram mais de dois anos consecutivos, eram séria ameaça a propriedade rural do Estado e à seus operosos habitantes. (PEREIRA, 1919, p.1-2).

Queixas sobre a atuação dos sertanejos surgiram das duas margens do rio Pelotas, principalmente sobre roubo de gado. No lado catarinense, fazendeiros pediram medidas ao Superintendente Municipal de Campos Novos. Relata o jornal *Região Serrana*:

ENTRE-RIOS – Estando averiguadas as notícias relativas a uma reunião de fanáticos no lugar Entre-Rios, Distrito de Campo Belo, foram tomadas providências imediatas pelas autoridades competentes. Segundo ofício ao Capitão Comissário pelo seu imediato naquele distrito, o grupo ali formado em promiscuidade de práticas religiosas, depredações e imoralidades à Basílio de Moraes, compõe-se de mais ou menos 200 homens e 150 mulheres e crianças. O local dista desta cidade [Lages] para mais de 18 léguas e tem o nome de Entre-Rios por ser uma extensa língua de terra intercalada entre os rios Pelotas e Canoas, que correm paralelamente uma considerável distância, antes de se unirem[...] Sabida aqui a notícia deste agrupamento no Sábado atrasado por intermédio do distinto Coronel Rupp, de Campos Novos, que soubera diretamente do Sr. Carypuna, residente de Entre-Rios e uma das vítimas de arrebanho de gados, foi o governo imediatamente informado.<sup>10</sup>

Na margem rio-grandense, relata o Subchefe de Polícia, Cel. Bento Porto:

Em Vacaria e Lagoa Vermelha também alterou-se a ordem, sendo preciso, para mantê-la organizar-se, ali, um esquadrão provisório da Brigada Militar. Um grupo

---

<sup>10</sup> *Região Serrana*, Lages, 8 ago. 1897.



de fanáticos praticava depredações neste e no vizinho Estado catarinense tendo seu acampamento principal na margem direita [do rio Pelotas].<sup>11</sup>

Em 17 de agosto de 1897, uma primeira volante policial, composta em sua maioria por guardas municipais de Lages, comandados pelo Alferes Inácio Casimiro de Góes, soldados do Regimento de Segurança de Santa Catarina, comandados pelo Alferes Firmino Rodrigues Netto e reforçada por capangas do Cel. Henrique Rupp (Superintendente Municipal de Campos Novos) e de Lucidoro Matos, tentou dispersar o ajuntamento sertanejo. Entretanto, parece que os caboclos já estavam informados da expedição oficial e receberam a força policial com fogo cerrado. Os sertanejos conseguiram abater quatro soldados (dois mortos e 2 seriamente feridos) e fizeram recuar a força oficial. Para aumentar o pânico das autoridades locais, os caboclos perseguiram os policiais até a entrada da Vila de Campos Novos, a aproximadamente 40 km de distância de Entre-Rios<sup>12</sup>.

A partir deste incidente a imprensa catarinense passou a divulgar a incrível “notícia” de que o ajuntamento “fanático” de Entre-Rios tinha sido iniciativa de um indivíduo enviado por Antônio Conselheiro, com afirmou, sem qualquer fundamento ou informação de credibilidade, o jornal *República*, de Florianópolis. Generalizou-se daí a denominação “Canudinho de Lages”. Na Bahia, vivia-se a expectativa pelo ataque da quarta expedição das forças oficiais. A terceira expedição tinha sido destroçada pelos sertanejos em março deste ano, inclusive causando a morte do Coronel Moreira César, veterano da Revolução Federalista, que havia sido representante do governo de Floriano Peixoto em Santa Catarina.

O governador Hercílio Luz combinou com o Presidente do Rio Grande do Sul de realizarem um ataque conjunto ao povoado. Júlio de Castilhos temia um novo levante federalista, que poderia ser iniciado com uma invasão via fronteira uruguaia e, pior, com uma dupla invasão ao sul pelo Uruguai e ao norte pelo planalto catarinense. Não paravam de circular, em Porto Alegre, diferentes versões sobre o fim da guerra civil uruguaia, que teria encerrado com um acordo entre os federalistas gaúchos exilados no Estado Oriental e o vencedor partido colorado. retribuindo o apoio “maragato”, o novo governo uruguaio apoiaria uma nova ofensiva federalista na campanha rio-grandense<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> Relatório do Subchefe de Polícia na região Planalto, Cel. Bento Porto, parte do relatório do Chefe Estadual de Polícia, Cherubim Febeliano da Costa, anexo ao Relatório do Secretário de Negócios Interiores e Exteriores, João Abott. 1898. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRGS), SIE.3-006, p. 185.

<sup>12</sup> *Região Serrana*, Lages, 29 ago. 1897.

<sup>13</sup> Todas estas informações constam na correspondência de Júlio Prates de Castilhos e de seu secretário Aurélio Bitencourt. Fundo Aurélio Bitencourt, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Antes do ataque final informou o *Região Serrana* (19/09/1897), que Frei Rogério Neuhaus, franciscano alemão responsável pela Igreja de Lages, tentou viajar por conta própria para Entre-Rios, “com o intuito caridoso de reduzir pela palavra os fanáticos”, porém como partiu apenas no dia 28 de agosto sua missão ficou prejudicada (a viagem entre Lages e Entre-Rios levava de 3 a 4 dias).

As autoridades catarinenses, por seu turno, também montaram uma grande expedição. Um novo corpo de Segurança foi formado em Lages sob o comando do Tenente Coronel Contrin. A tropa oficial foi engrossada por uma “Guarda Cívica” comandada pelos chefes políticos locais, o Superintendente (Prefeito) Vidal Ramos Júnior, seu irmão Tenente Coronel Belisário Ramos, seu primo Major Emiliano Ramos e o Capitão Afonso da Silva Ribeiro. A “Guarda Cívica” foi formada pelos guardas municipais de Lages, reforçados por centenas de capangas trazidos pelos oficiais da Guarda Nacional acima citados. Além destes, reforçavam a coluna catarinense de ataque 40 gaúchos comandados pelo Capitão Fabrício Vieira.

Na manhã do dia 29 de agosto de 1897 o povoado de Entre-Rios foi atacado pela Brigada Militar gaúcha. Quando a força catarinense chegou ao local o povoado já estava destruído. Nos dias seguintes os policiais rio-grandenses e catarinenses passaram a caçar os sertanejos fugitivos pelas matas da região e pelas furnas então existentes ao longo dos rios Canoas e Pelotas. Dom Miguelito foi capturado no Rio Grande do Sul, na localidade de Barracão, município de Lagoa Vermelha, acompanhado da filha de Francelino Subtil de Oliveira, e identificado como um soldado desertor da guarnição de Curitiba. Francelino Subtil de Oliveira fugiu pelas matas do vale do rio Canoas com um grupo de 20 homens, mas apareceu morto em outubro do mesmo ano. Não foi possível localizar nos arquivos consultados o inquérito policial sobre o povoado de Entre-Rios, citado pela imprensa. Mas os registros encontrados, principalmente em jornais de Lages e Florianópolis, apontam para a existência de uma grande operação de extermínio dos sertanejos que participaram do povoado destruído.

As autoridades sonhavam que com este ataque colocariam fim às crenças dos sertanejos e assegurariam a paz aos proprietários. Uma mistura de sentimentos, que vão da intolerância religiosa ao preconceito de classe, estava presente no balanço final do massacre:

À louvável presteza desenvolvida pelos governos unidos do nosso Estado e do Rio Grande do Sul devemos a completa dispersão do bando fanático e perverso de Entre-Rios que como uma ameaça a tranqüilidade pública e um polvo à propriedade individual, se arregimentava e crescia à sombra mal velada de manifestações religiosas. O fato do contumaz fanatismo largamente propellido pelas práticas da vulgaridade forasteira de um João Maria de Agostini, mal pode distender as garras

de uma terrível ignorância feroz e arrebatadora, perante a vigorosa providência oficial que em tempo realmente abreviadíssimo estancou com um vigoroso golpe definitivo os desenvolvimentos do núcleo de Entre-Rios, onde reinava a promiscuidade animal de envolta com a orgia das paixões.<sup>14</sup>

“Bando fanático perverso”, “polvo à propriedade individual”, “núcleo de promiscuidade animal envolta com a orgia das paixões”, a alardeada vitória oficial parece não ter conseguido modificar o pensamento majoritário da população do planalto. O Bispo de Curitiba, Dom José de Camargo Barros, em visita a Campos Novos um ano após a destruição de Entre-Rios afirmava que ali vivia “[...] um povo atrasado, cheio de vícios e muito fanático e seguidor do célebre João Maria.” (SERPA, 1997, p.144).

O crescimento e a consolidação da liderança mística de João Maria já era uma realidade entre vários habitantes da região. Havia um forte sentimento de crise no planalto no início do período republicano (MONTEIRO, 1974). Os *pica-paus* eram acusados de criar novos impostos, de atribuir maior poder aos Coronéis e por serem autores de atrocidades durante a guerra federalista. A população cabocla do planalto procurou intérpretes, e os profetas são intérpretes (GALLO, 1999), para expressar seu descontentamento com o estado de coisas. Crescia a crise em locais que eram parte do antigo caminho das tropas, ora em franco declínio. No oeste do município de Lages (Campo Belo, Cerrito e vale do rio Canoas) era forte a presença de pequenos lavradores que mantinham suas lavouras em clareiras abertas nas matas e faxinais que, freqüentemente, eram invadidas pelo gado dos grandes fazendeiros (MACHADO, 2004). O tropeirismo de mulas a longo curso era uma atividade em franca extinção. Poucos fazendeiros permitiam o trânsito em suas terras.

Na documentação oficial e militar foi possível reconstruir todo o processo de formação do Esquadrão Provisório da Brigada Militar em Vacaria, bem como foi possível identificar, nesta iniciativa, a ação de indivíduos do planalto que, com freqüência, atuavam nos dois lados da fronteira, como os *pica-paus* ou *chimangos* Bento Porto e Fabrício Vieira, os *maragatos* Demétrio Ramos, Abílio Rosa e outros.

A documentação consultada nos arquivos do Rio Grande do Sul permite situar o episódio do Canudinho num contexto mais amplo da política macro-regional, que associava os processos políticos do Estado Oriental ao planalto catarinense. O fim da Guerra Civil no Uruguai, concluída com a vitória dos colorados apoiados pelos federalistas resultava em ampliação do isolamento político do governo de Júlio de Castilhos, que passava por uma série de problemas em seu relacionamento com o

---

<sup>14</sup> *Região Serrana*, Lages, 12 set. 1897.

Presidente Prudente de Moraes. Assim, não era de todo absurda a possibilidade de nova invasão federalista a partir da fronteira oriental (desguarnecida de unidades do exército deslocadas para Canudos). Havendo conflito aberto no Rio Grande do Sul, a União teria condições políticas de promover uma intervenção apeando os *chimangos* do poder local. Neste contexto, Júlio de Castilhos faz questão de apresentar o episódio do Canudinho como mais uma tentativa federalista de criar instabilidade na região<sup>15</sup>. A rapidez e a violência da ação oficial, neste caso, pode explicar-se tanto por temores políticos, da possibilidade de retomada da campanha federalista, como do agravamento da crise social local, dos temores quanto à possibilidade de dilapidação das propriedades por parte de uma multidão organizada sem a tutela dos Coronéis.

Se ocorresse em outro momento, talvez o povoado de Entre-Rios tivesse uma melhor sorte.

Apesar da forte repressão ao povoado de Entre-Rios, as forças republicanas não dissiparam as esperanças da população sertaneja em São João Maria, pelo contrário, este culto independente da estrutura do clero oficial, e por ele hostilizado, continuou vigente entre a população trabalhadora do planalto e ofereceu a base cultural para a formação dos redutos sertanejos do movimento do Contestado. Em grande medida, há uma confluência crescente de pontos de vista entre antigas lideranças federalistas avulsas e exiladas no planalto e os sertanejos que se dispunham a abandonar suas casas e pequenas lavouras para viver em torno de algum representante de João Maria. O episódio do Canudinho significou um momento importante desta confluência de duas tradições: as práticas religiosas em torno de São João Maria e o federalismo.

### ***THE CONFLICT OF THE CANUDINHO DE LAGES***

***ABSTRACT:*** *This article analyzes the rise and fall of the town of Entre-Rios, built on the Santa Catarina plain in 1897 and called by the local press “Canudinho de Lages”. In this episode, traces of the cult of the monk João Maria inside the peasant population and also the presence of federalist leaders among the town citizens are investigated, which sheds light on the role of these politicians in the Contestado War (1912-1916). The rapid repression of the movement reveals its emergence into a larger political territory including Southern Brazil and the Río de la Plata countries where networks, alliances and connections often transcended national boundaries.*

***KEYWORDS:*** *Canudinho de Lages. João Maria. Contestado War.*

---

<sup>15</sup> *A Federação*, Porto Alegre, 08 set. 1897.

## REFERÊNCIAS

- BLASI, P. **Campos novos**: um pouco de sua história. Florianópolis: Edeme, 1994.
- CABRAL, O. R. **A campanha do Contestado**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- CHASTEEN, J. C. **Heroes on horseback**: a life and times of the last gaucho caudillos. Albuquerque: University of New México Press, 1995.
- COSTA, L. **O continente das Lagens**: sua história e influência no Sertão da Terra Firme. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. 4 v.
- DOURADO, Â. **Voluntários do martírio**: narrativa da Revolução de 1893. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1977. Reprodução fac-similar da edição de 1896.
- ESPIG, M. J. **A presença da Gesta Carolínea no movimento do Contestado**. Canoas: Ed. ULBRA, 2004.
- FELIPE, E. J. **O último jagunço**: folclore na História da Guerra do Contestado. Curitiba: Ed. UnC, 1995.
- GALLO, I. C. D' Á.. **Guerra do Contestado**: o sonho do Milênio Igualitário. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999.
- GALVÃO, W. N. **No calor da hora**: A Guerra de Canudos nos jornais, 4ª expedição. 2.ed. São Paulo: Ed. Ática, 1977.
- MACHADO, P. P. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004. (Coleção Várias Histórias/CECULT).
- MONTEIRO, D. T. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- PELLUSO JUNIOR, V. A Santa do Canudinho de Lages. **Boletim da Comissão Catarinense de Folclore**, Florianópolis, n.37/38, p.37-40, dez. 1985.
- PEREIRA, M. **Esboço histórico da brigada militar do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Livraria Americana, 1919. v.II.
- SERPA, É. C. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1997.
- STULZER, A. **A guerra dos fanáticos (1912-1916)**: a contribuição dos Franciscanos. Petrópolis: Vozes, 1982.

QUEIROZ, M. V. de. **Messianismo e conflito social:** a Guerra Sertaneja do Contestado, 1912-1916. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

## ACERVOS E FONTES

- Fundo Aurélio Bitencourt (secretário de Júlio de Castilhos), Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.
- Entrevista com o senhor Antônio Cassul Fernandes, de Celso Ramos, julho de 2003.
- Jornais **A Vanguarda**, **República** e **O Estado**, maio a outubro de 1897, Florianópolis, Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.
- Jornais **Região Serrana** e **Correio Lageano**, de Lages, 1893-1899. Museu Thiago de Castro.
- Jornal **A Federação**, Arquivo Histórico Municipal de Porto Alegre “Moyses Velinho”.
- **Jornal do Comércio** (Rio de Janeiro), **Correio do Povo** (Porto Alegre), **A República** (da dissidência federalista gaúcha – Porto Alegre) e **A Ordem** (Jaguarão), pesquisados de maio a dezembro de 1897, no Museu de Comunicação Social Hypólito José da Costa, em Porto Alegre.